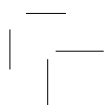
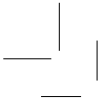




A MORTE:

LEITURAS DA HUMANA CONDIÇÃO





A MORTE:

LEITURAS DA HUMANA CONDIÇÃO

VOLUME I

ORGANIZAÇÃO

Paulo Alves

Maria José Figueiredo

Eugénia Abrantes Magalhães

Fernando Magalhães

Benedita Santiago Neves

Porfírio Pinto

Bruno Venâncio



**A MORTE:
LEITURAS DA HUMANA CONDIÇÃO**

ORGANIZAÇÃO

Paulo Alves, Maria José Figueiredo, Eugénia Abrantes Magalhães,
Fernando Magalhães, Benedita Santiago Neves, Porfírio Pinto e Bruno Venâncio

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Maria Eliete Duarte

REVISÃO

Maria José Figueiredo, Porfírio Pinto e Bruno Venâncio

DESIGN

Carolina Grilo

IMPRESSÃO E ACABAMENTO

www.artipol.net

ISBN

9789896737269

DEPÓSITO LEGAL

465745/19

DATA DA PUBLICAÇÃO

2019

PAULINAS EDITORA

Rua Francisco Salgado Zenha, 11
2685-332 PRIOR VELHO
Tel. 219405640 / Fax 219405649
www.paulinas.pt

ORGANIZAÇÃO

Instituto de
Estudos Avançados
em Catolicismo
& Globalização
IEAC
GO

SUMÁRIO

00 INTRODUÇÃO	11
Paulo Alves, Eugénia Abrantes Magalhães	
01 MORTE, COMUNIDADE, CIDADANIA	
Finitude eminente perante as alterações climáticas: Utopia ou uma responsabilização da condição humana?	19
Margarida André Zoccoli	
Morte e política	37
Pedro Ferro	
Lidar com paradoxos: Visões sobre a morte em contexto militar	51
Carlos Filipe Afonso	
02 REPRESENTAÇÕES E LEITURAS SOCIAIS SOBRE A MORTE	
Viver a morte em Portugal: A complementaridade de abordagens qualitativas e quantitativas	65
Clara Saraiva e Marta Godinho	
Representação social da morte de alunos do ensino fundamental	71
Beatriz Santos Honório e Elen Sena Serêjo	
Representações sociais sobre morte construídas por futuros professores de Biologia	81
Monike H. Gomes Miranda e Maria Helena da Silva Carneiro	
Leituras sociais, políticas e religiosas acerca da morte dos três protagonistas de Fátima: Francisco Marto (1919), Jacinta Marto (1920) e Lúcia de Jesus (2005)	95
Marco Daniel Duarte	
Quando a morte (não) é notícia. A irmã Lúcia já morreu (para os media)?	123
Leopoldina Reis Simões	

03 OS VIVOS, SEGUNDO OS MORTOS

- A morte como perda, o cemitério como memória, a cidade como infraestrutura e vida: A inclusão da morte na vida da cidade** 131
Filipe Fontes
- A morte pede espaço: O cemitério frente às ambivalências do Recôncavo da Bahia** 149
Sérgio Ricardo Oliveira Martins e Waleska Rodrigues M. O. Martins
- O Cemitério dos Prazeres e a liberalização da morte** 179
António Martins Gomes
- A Lisboa da primeira metade do séc. XVII à luz dos livros de registos de óbitos: O caso da paróquia da Sé** 203
Carlos Leite

04 CONTRIBUTOS DA MORTE PARA UMA HISTÓRIA DA IDADE MÉDIA

- Boa morte, má morte, tristes cantares. Para uma poética da finitude na Idade Média** 217
Carlos F. Clamote Carreto
- Palabras negras. El anuncio de la muerte en la Edad Media en la Corona de Aragón** 245
Érika López Gómez
- O papel das mulheres na reabilitação e comemoração dos mortos infamados na Idade Média: Os casos do infante D. Pedro e de D. Álvaro de Luna** 255
Ana Maria S. A. Rodrigues
- Muerte y memoria de las mujeres de la realeza en la epigrafía románica del reino de León** 285
Isabel Ruiz de la Peña González
- O Rei «morto e vivo»: O túmulo de D. Dinis em Odivelas** 293
Giulia Rossi Vairo
- La muerte de los príncipes en las crónicas navarras de la Edad Media** 311
Fermín Miranda García

«Exuit regalem clamidem [...] et deposuit gemmatam coronam»: La muerte de los príncipes según las crónicas medievales. Dos ejemplos llamativos (León y Francia, s. XII)	319
Diego Rodríguez-Peña Sainz de la Maza	

05 A LITERATURA PORTUGUESA E AS IDADES DA MORTE

A preparação para a morte em escritores dos sécs. XVI-XVII	343
Herculano Alves	
«Vive do teu fim mais cuidadosa / Pois sabes que o teu fim é tão preciso»: Representações literárias da morte na poesia barroca portuguesa	365
Micaela Ramon	
Notas sobre a visão da morte no Abjeccionismo português	379
Rui Sousa	
<i>Mors omni aetate communis est</i> . Figurações da morte no romance contemporâneo	393
Sérgio Guimarães de Sousa	

06 BIOGRAFIAS DA MORTE

La morte, la vita, la condizione umana nella letteratura italiana: Il caso Dino Terra	405
Daniela Marcheschi	
Por uma percepção estética e poética do diferente: Morte e memória no poeta Manoel de Barros	421
Waleska Rodrigues M. O. Martins	
Figurações da morte na obra de Agustina Bessa-Luís	449
Maria do Carmo Cardoso Mendes	
Reflexões sobre a morte: Um estudo na obra de José Saramago	457
Maria Irene da Fonseca e Sá e Adriane Maria da Fonseca e Sá	
«Aquele instante de atraso»: A tematização da morte na poesia de Wislawa Szymborska	475
Ricardo Gil Soeiro	

Olhar a morte incalculável ou o último Herberto Helder	485
Roberto Bezerra de Menezes	
Do noturno nunesiano	495
Annabela Rita	

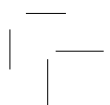
07 O PALCO A DAR VIDA À MORTE

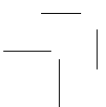
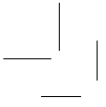
A dimensão artística e o papel da morte em nove obras seminais da dança dos sécs. XIX e XX	507
António Laginha	
A dimensão artística da morte na génese e construção do bailado romântico	517
António Laginha	
Las coplas flamencas y su expresión en contexto de muerte: Experiencia transformadora	533
Victoria Cava	



A MORTE:

LEITURAS DA HUMANA CONDIÇÃO





A MORTE: **LEITURAS DA HUMANA CONDIÇÃO**

VOLUME II

ORGANIZAÇÃO

Paulo Alves

Maria José Figueiredo

Eugénia Abrantes Magalhães

Fernando Magalhães

Benedita Santiago Neves

Porfírio Pinto

Bruno Venâncio



**A MORTE:
LEITURAS DA HUMANA CONDIÇÃO**

ORGANIZAÇÃO

Paulo Alves, Maria José Figueiredo, Eugénia Abrantes Magalhães,
Fernando Magalhães, Benedita Santiago Neves, Porfírio Pinto e Bruno Venâncio

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Maria Eliete Duarte

REVISÃO

Maria José Figueiredo, Porfírio Pinto e Bruno Venâncio

DESIGN

Carolina Grilo

IMPRESSÃO E ACABAMENTO

www.artipol.net

ISBN

9789896737269

DEPÓSITO LEGAL

465745/19

DATA DA PUBLICAÇÃO

2019

PAULINAS EDITORA

Rua Francisco Salgado Zenha, 11

2685-332 PRIOR VELHO

Tel. 219405640 / Fax 219405649

www.paulinas.pt

ORGANIZAÇÃO

Instituto de
Estudos Avançados
em Catolicismo
& Globalização
IEAC
GO

SUMÁRIO

08 ÉTICA DO CUIDADO

- (In)vulnerabilidade nos cuidados de saúde: Da morte à vida** 9
Susana Teixeira Magalhães e Teresa Toldy
- A importância da espiritualidade nos processos de cuidados de saúde** 19
Susana Queiroga
- Cuidados paliativos: Um estudo sobre a bioética no fim da vida** 35
Adriane Maria da Fonseca e Sá e Maria Irene da Fonseca e Sá
- Humanamente redimir os deslugares do morrer. Os cuidados paliativos como pedagogia sociocultural de uma *ars moriendi*** 55
José Nuno Silva
- Marcos históricos dos cuidados paliativos hospitalares no Brasil** 79
Rosanna Rita Silva

09 VIVER O LUTO

- Luto: Um processo dinâmico** 89
Eduardo Carqueja
- O luto materno perinatal e possíveis projeções nos filhos subsequentes** 95
Ligia Maria de Lima Pinheiro Braz
- O impacto do luto nas atividades laborais** 103
Maali Brito Lopes, Rebeca Fonseca de Souza, Amanda Felipe de Oliveira Brandão, Layla Dourado de Castro e Morganna Thinesca Almeida Silva

10 A MORTE EXPLICADA ÀS CRIANÇAS

- Luto infantil: Compreender além dos mitos** 115
Ana Santos
- Era uma vez a morte na literatura infantil: Uma abordagem pedagógica** 127
Maria Helena Pinto da Cunha

11 EDUCAR PARA A MORTE

Educação para a morte e para o luto	151
Maria da Conceição Azevedo	
As flores compram-se em processo de morte	173
Isabel Ponce de Leão	
O lugar da morte na educação para a vida	185
Artur Manso	
A morte no ciclo de vida: Uma condição humana	203
Suzana Pacheco	
Face à espiritualidade. Uma educação para a morte	215
António Areias	
Morte em 3D: Derrota, desesperança, desafio	223
Alberto Paulo Madureira Mendes	

12 A MORTE: LIMITE, LIMIAR

Memoria del limite: La condizione umana nella società postmortale	227
Luciano Manicardi	
A ideia de cultura como expulsão: A morte como a última expulsão e o fim da cultura. Algumas notas para uma teoria da cultura	249
José Eduardo Franco	

13 ANTROPOLOGIAS DA MORTE

Ādī Śāṅkara e a Questão da Morte	261
Carlos João Correia	
«O sangue não era meu, era de todo o meu povo»: Leituras antro- pológico-teológicas da morte a partir da experiência com povos indígenas da Amazônia	273
António Fernandes	

Culto Egúngún: A comunicação com os ancestrais no sistema Nagô e brasileiro	291
Gustavo de Castro e Alan Santos de Oliveira	

14 LIVROS DOS MORTOS DO ANTIGO EGITO

Os mortos no antigo Egito: A relação com os vivos e o exemplo do culto aos antepassados em espaço doméstico	309
Susana Mota	
Imagens e noções egípcias da morte na capela do túmulo de Pertosíris, em Tuna el-Guebel	343
José das Candeias Sales	

15 OBSERVAÇÕES SOBRE O CORPO MORTO

A morte como paradigma da nossa medicina: Notas a partir do pensamento de Michel Foucault	377
Mariana Gomes da Costa	
De corpo mortal a corpo glorioso. Leitura escatológica a partir de Emmanuel Falque	389
Antônio Manuel Alves Martins	

16 O SUJEITO E A SUA HUMANA CONDIÇÃO

Literatura, morte e (des)substancialização do sujeito	417
Dionísio Vila Maior	
Ser sujeito até ao fim: Autonomia como condição ética de um morrer humano	447
Vitor Coutinho	

17 FILOSOFAR, APRENDER A MORRER

Melancolia, morte e queda do homem	479
Álvaro Almeida	
Epicuro e a morte	493
Bruno Venâncio	

A morte: Um mal por privação? (Ensaio em torno de uma questão filosófica)	527
Rui Maia Rego	
Espinosa e a irrelevância ética da morte	541
João Diogo Loureiro	

18 A VIDA, A MORTE E A VIDA DEPOIS DA MORTE

O Deus da Bíblia: Deus da morte ou da vida?	553
Herculano Alves	
Na morte, o sentido da vida: Uma leitura do livro do Eclesiastes	579
Francisco Cornélio Freire Rodrigues	
A esperança de vida (eterna): Uma teologia da morte	593
Porfírio Pinto	
A morte como «horizonte do tempo e da eternidade» na mística da ação e da protoglobalização em padre António Vieira	605
Eugénia Abrantes Magalhães	

19 O QUE PODE O SER HUMANO CONTRA A MORTE

«A minha morte ou como a literatura me salvou»	631
Isabel Nery	
Os laços e a eternidade: Uma reflexão em torno do singular milagre de vivermos juntos	639
Henrique Manuel Pereira	
Mais forte que a morte é o amor	645
Maria José Figueiredo	

O SUJEITO E A SUA HUMANA CONDIÇÃO

16

Literatura, morte e (des)substancialização do sujeito

DIONÍSIO VILA MAIOR¹

Resumo: Procurar-se-á desenvolver uma reflexão sobre a relação entre a Morte e a Literatura, presente em obras e autores da literatura ocidental, desde a poesia trovadoresca até à literatura contemporânea, relação essa capaz de conduzir a outras questões, como a «morte do Homem» e a «morte de Deus», bem como a outras noções: a desmitologização e a fa-

lência das grandes narrativas humanistas; a «desposseção do sujeito», de Michel Foucault; a «morte do autor», de Roland Barthes; a consciência da «imortalidade cósmica» a que, na literatura, e pela literatura, a intuição da morte por vezes conduz.

Palavras-chave: literatura; morte; «morte do sujeito»; «morte de Deus»; «imortalidade cósmica».

Abstract: We will try to develop a reflection on the relation between Death and Literature, present in works and authors of western literature, from the poetry of troubadours to contemporary literature. A relationship that can lead to other issues, such as the «death of man» and the «death of God», as well as other notions: the demythologization of the great huma-

nist narratives; the «dispossession of the subject», by Michel Foucault; the «death of the author» by Roland Barthes; the consciousness of «cosmic immortality» to which, in literature and literature, the intuition of death sometimes leads.

Keywords: literature; death; «death of the subject»; «death of God»; «cosmic immortality».

¹ Universidade Aberta | Università di Padova | CLEPUL

1.

Numa conhecida lição dedicada à imortalidade, proferida em 1978, na Universidade de Belgrano, Jorge Luís Borges afirmava:

[...] O nosso eu é o que para nós tem menos importância. Que significa sentirmo-nos *eu*? Que diferença pode haver entre eu me sentir Borges e vocês se sentirem A, B ou C? Nenhuma, absolutamente nenhuma;

e, pouco depois, conclui:

[...] creio na imortalidade: não na imortalidade pessoal, mas na *imortalidade cósmica*. Continuaremos a ser imortais; para além da nossa morte corporal fica a nossa memória, ficam os nossos atos, as nossas obras, as nossas atitudes, toda essa maravilhosa parte da história universal [...] (BORGES, 1999: 186-187).

Do mesmo escritor argentino, lembramos um outro texto, «O imortal», o primeiro conto da coletânea *O Aleph*, publicado em 1949 (BORGES, 2008). Aí se narra o percurso penoso de Marco Flaminio Rufo para encontrar a Cidade dos Imortais e o rio que lhe daria a imortalidade (esse «rio secreto que purifica os homens da morte» (*Ibidem*: 8)). Depois de muitas provações e contrariedades, chega a essa Cidade, que, contra as suas expectativas, é uma cidade confusa, labiríntica, múltipla, que desorienta pela sua arquitetura sem lógica, que impossibilita a apreensão de um sentido de completude. Não encontra aí os Imortais. Foge, apavorado, saindo da cidade. Junta-se aos trogloditas, que viviam em covas de lama, completamente alheados do mundo. Anos mais tarde, uma manhã, repentinamente, cai uma chuva com uma «poderosa lenticão» (*Ibidem*: 17), facto que motivou como que o «regresso à vida» e êxtase enorme nos trogloditas, que pareciam «corribantes possuídos pela divindade» (*Ibidem*). No final, o narrador bebe das águas do rio dos mortais e magoa-se, sentindo-se feliz por se aperceber de que, afinal, é igual aos outros homens: «De novo sou mortal, repeti para mim mesmo, de novo me pareço com todos os homens. Naquela noite, dormi até o amanhecer» (*Ibidem*: 22). Pelas conclusões entretanto retiradas pelo narrador, podemos perceber, afinal, que: os Imortais eram os troglo-

ditas; no tempo infinito dos Imortais, todos são todos (um deles, *e.g.*, aquele a quem o narrador dera o nome de Argos [cão de Ulisses], balbuciara-lhe ter «inventado» a *Odisseia*); a Cidade dos Imortais tinha sido destruída e depois reconstruída de forma confusa, labiríntica, irracional, pelos próprios Imortais – que, depois de a construírem, a esqueceram, tendo ido morar para as covas de lama, vivendo somente na especulação pura.²

Como deduzimos, existe, na Cidade dos Imortais do conto de Borges, uma tensão que comparece na alegoria de uma arquitetura não geométrica, mas labiríntica e indeterminada, gerada pelos Imortais, facto que provoca a fuga desse espaço. Na sequência dessa tensão, fuga e, como vimos, reconhecimento do narrador da sua própria mortalidade, determinadas conclusões se poderiam retirar: a imortalidade, sem o signo da novidade, seria enfadonha; a condição de imortalidade retiraria todo o significado do mundo físico, das descobertas, das invenções, tornando-as inúteis; na imortalidade, todas as possibilidades se anulariam; na mortalidade, a(s) diferença(s) diluir-se-iam – cada um seria todos os outros, todos seria todos (Argos, o troglodita, é Homero, porque todos o são); a imortalidade conduziria todas as ações à indiferença total de tudo e de todos: «Tudo, entre os mortais», escreve Borges,

tem o valor do irrecuperável e do casual. Entre os Imortais, por sua vez, cada ato (e cada pensamento) é o eco de outros que no passado o antecederam, sem princípio visível, ou o fiel presságio de outros que no futuro o repetirão até a vertigem. Não há coisa que não esteja como que perdida entre incansáveis espelhos. Nada pode acontecer uma única vez, nada é preciosamente precário (*Ibidem*: 21).

Mais ainda: a imortalidade é tirânica, já que ser imortal significaria viver a continuidade ininterrupta do tempo, com a conseqüente perda da linguagem e perda da aptidão para comunicar; a imortalidade, pelo acréscimo de conhecimento elevado ao infinito, bestificaria e conduziria ao apedeutismo – chegando ao ponto de, na sua linha temporal sem tempo, as verdades se autoanularem; a imortalidade ocasionaria o usufruto das

² Remetemos para MENDES, 2008.

memórias e recordações ilimitadas, através das quais, por um lado, deixaria o *eu* de ser *eu* e, por outro, se anularia a memória que nos prende ao tempo, residindo aí uma coordenada que primordialmente se ajustaria à percepção metafórica de um rio heraclítico sempre idêntico a si próprio, num fluxo repetidamente ininterrupto, sitiando-se na sua própria mesmidade; a imortalidade (ideia que seria, aliás, amplamente desenvolvida por Maurice Blanchot (1997)) só estaria confinada aos que, na natureza, não tivessem consciência humana, uma vez que, ignorando a ideia de morte, não teriam o entendimento nem da morte, nem da sua própria finitude: «Ser imortal é insignificante; exceto o homem, todas as criaturas o são, pois ignoram a morte; o divino, o terrível, o incompreensível, é se saber imortal» (BORGES, 2008: 19).

Por isso, Borges fala na *imortalidade cósmica*, procurando, assim, evidenciar a condição particular do sujeito perante o mundo do real – condição essa por intermédio da qual o sujeito persistirá, sim, mas na (e pela) *memória* do Outro. Por isso, renegar a morte significa renegar a essência humana; e o universo só existe para cada um de nós porque cada um de nós existe. Por isso, Borges sacraliza a linguagem e a literatura, não só por permitirem a ativação da memória, mas também por darem a conhecer a morte e o esquecimento. Nesse sentido, *pensar* a morte, *nomear* a morte, *falar* sobre a morte são atos humanos nucleares. «Somente a morte me permite agarrar o que quero alcançar», escreve Blanchot no texto «La littérature et le droit à la mort», de 1947, último ensaio do seu livro *La Part du Feu* (BLANCHOT, 1997: 312), e acrescenta, pouco depois, defendendo que a morte «é a maior esperança dos homens, sua única esperança de serem homens» (*Ibidem*: 323). Por esse prisma, o ser e o não ser relacionam-se, já que é pela morte «que nos resta o futuro de um mundo realizado» (*Ibidem*). E, no caso do registo literário, torna-se tanto menos precária esta relação, quanto mais o escritor, produtor de sentidos, inscrever ativamente o processo de *representação* literária, sabendo-se precisamente que a anunciada «morte de Deus» de Nietzsche tem inerente a si uma liberdade permitida pela linguagem: a liberdade de negar tudo, a possibilidade de pensar a vida e a morte na sua relação ontológica com a linguagem e com o ser, de pensar a morte enquanto não-estado biológico, *topos* cultural, ou confidente da

negatividade da humana essência vital (negatividade essa que, defenderam-no Heidegger e Hegel, faz parte integrante do próprio ser).

2.

Morrer, lembra de novo Blanchot,

certamente é nossa preocupação. Mas porquê?», pergunta; e responde: «Porque nós, que morremos, *deixamos justamente o mundo e a morte*. Esse é o paradoxo da hora derradeira. A morte [...] está em nós, como nossa parte mais humana; [...] o homem só a conhece porque ele é a morte por vir. Mas morrer é quebrar o mundo; é perder o homem, aniquilar o ser; portanto, é também perder a morte [...] (Ibidem: 324).

Aceitar estas noções (e o contributo de Ariès (1975, 1996) é aqui muito importante) é aceitar a literatura como um espaço de liberdade, uma vez que, por ela, o homem pode permitir-se tornar possível a sua morte, representando-a. O homem tem o privilégio de poder falar da morte, enquanto ser vivo e criador de sentidos que é; se morre, deixa de poder falar dela, perdendo a faculdade de morrer; morrendo, extingue-se-lhe o horizonte da morte. «Enquanto vivo, sou um homem mortal», lembra Blanchot, mas, continua, «quando morro, cessando de ser um homem, cesso também de ser mortal, não sou mais capaz de morrer [...]» (BLANCHOT, 1997: 324). O mesmo é dizer: não poder *pensar* a morte, não poder *falar* sobre a morte, não poder *representar* (literariamente, artisticamente) a morte, equivaleria a subtrair ao homem a linguagem, a literatura, a sua faculdade de pensar, no fundo, a sua própria humanidade (PINEZI & DANTAS, 2013; BYLAARDT, 2013; COUTO, 2012; PIMENTEL, 2013).

E a literatura tão bem a invoca, tantas vezes em tonalidade autobiográfica, como o fez Marguerite Duras (em *La Vie Tranquille*, 1944), ou Simone de Beauvoir (em *Une Mort très Douce*, 1964, ou em *La Cérémonie des Adieux* (Suivi de Entretiens avec Jean-Paul Sartre: Août-Septembre 1974, 1981). E a literatura tão profusamente a *representa* (sempre no sentido ingardiano) (INGARDEN, 1979: 267): desde Homero (com o canto XI da *Odisseia*) a Kafka (na paródia ao modo de encarar o além representada no póstumo *O Ca-*

çador Graco) (Cf. BLUMENTHAL, 2007), passando pelas histórias e contos populares de *O Livro das Mil e Uma Noites* e por tantos outros autores: o monge-poeta Hélinand de Froidmont, com os seus *Vers de la Mort* (escritos entre 1194 e 1197, talvez o primeiro testemunho literário acerca da representação da morte, enquanto personagem munida ora de uma clava, ora de uma foice, ora de uma pedra e uma funda, ora de uma rede, ora de um laço...);³ Dante, com *A Divina Comédia*; Rabelais, com o seu inferno saturnal, no livro II de *Gargântua*; Shakespeare, com *Romeu e Julieta* e a famosa cena final 3 do ato 5, na tumba dos Capuletos, com o suicídio dos dois amantes; Goethe, com *Os Sofrimentos do Jovem Werther* e o suicídio (tão imitado então) de Werther, por não ter o amor correspondido de Charlotte; Dostoiévski, com o conto «Bobok» e os diálogos entre pessoas falecidas ouvidos por Ivan Ivanovitch no cemitério; Machado de Assis, com as *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, ou os contos «Último capítulo» (cuja felicidade entrevista na despreocupação de um transeunte com o seu par de botas não demoverá, apesar de tudo, o suicídio do protagonista)⁴ e «O imortal» (a remeter para o conto de Borges, vendo-se também aqui a morte como um bem necessário).⁵

³ «Mors, va à chiaus qui d'amors cantent, Et qui de vanité se vantent, Si les apren si à chanter / Con font cil qui por clie t'encantent, / Qui tot hors del siècle se plantent / Que tu n'es puisses sozplanter [Mort, va trouver les troubadours / Qui chantent de vaines amours. / Apprends-leur, ô Mort, à chanter / Comme ceux qui passent leurs jours / Tout à fait hors du monde pour / Que tu ne les fasses tomber] (estrofe 2) (FROIDMONT, s.d., p. 16); «Ke vaut biautés, que vaut rikece, / Que vaut honors, que vaut hautece, / Puisque Mors tot à sa devise / Fait sor toz pluie et sekerece, / Puisqu'il a tout en sa destrece» [«Que vaut beauté, que vaut richesse, / Que vaut honneur, que vaut noblesse? / Puisque la mort tout à son gré / Souffle sur nous pluie et sécheresse, / Puisqu'elle a tout en sa puissance [...]» (estrofe 28) (*Ibidem*: 30).

⁴ «A felicidade será um par de botas? Esse homem, tão esbofetado pela vida, achou finalmente um riso da fortuna. Nada vale nada. Nenhuma preocupação deste século, nenhum problema social ou moral, nem as alegrias da geração que começa, nem as tristezas da que termina, miséria ou guerra de classes, crises da arte e da política, nada vale, para ele, um par de botas. Ele fita-as, ele respira-as, ele reluz com elas, ele calca com elas o chão de um globo que lhe pertence. Daí o orgulho das atitudes, a rigidez dos passos, e um certo ar de tranquilidade olímpica... Sim, a felicidade é um par de botas» (ASSIS, 2006: 386).

⁵ A imortalidade «[...] era o mais atroz dos suplícios. Tinha visto morrer todas as suas afeições [...]. Tinha provado tudo, esgotado tudo; agora era a repetição, a monotonia, sem esperanças, sem nada. Tinha de relatar a outros filhos, vinte ou trinta séculos mais

3.

E, lembrando apenas alguns escritores representativos da literatura universal, facilmente somos conduzidos ao equacionamento de algumas das mais diversas tonalidades significativas que enlaçam semanticamente o tema da morte. Ela apresenta-se: inevitável, sendo, por isso, necessário aceitá-la serenamente (como nos *Dernier Vers* do Príncipe dos Poetas, Pierre de Ronsard, onde assoma logo no primeiro poema «Je n'ai plus que les os», ou na ode *A Cassandra*, ode XVII);⁶ apontando para a brevidade da vida (fizeram-no os poetas da Plêiade renascentista do séc. XVI, ao incorporarem a ideia de *memento mori* [lembra-te que és mortal]); imprevisível, ainda que nos dê avisos (sublinha La Fontaine, na fábula «La mort et le mourant», primeira fábula do livro VIII);⁷ aniquiladora (recordemos Victor Hugo e «[...] les champs» que «croissent» a «sombra» do sujeito poético, no III poema da série poemática «Soleils couchants», do seu livro de poemas *Feuilles d'Automne* (HUGO, 1869: 147)); impiedosa (de novo em Victor Hugo, em «*Pauca meae*», no livro IV de *Les Contemplations*, nos poemas autobiográficos);⁸ assinalando o fim de uma relação de amizade, ou de amor – ainda que, muitas vezes, o sentimento de amor a supere (como acontece em Bau-

tarde, o que me estava agora dizendo; e depois a outros, e outros, e outros, um não acabar mais nunca. Tinha de estudar novas línguas, como faria Aníbal, se vivesse até hoje: e para quê? Para ouvir os mesmos sentimentos, as mesmas paixões. [...] A morte é, enfim, um benefício» (*Ibidem*: 900).

⁶ «Mignonne, allons voir si la rose / Qui ce matin avait déclose / Sa robe de pourpre au soleil / A point perdu cette vesprée / Les plis de sa robe pourprée, / Et son teint au vôtre pareil. / Las! voyez comme en peu d'espace, / Mignonne, elle a dessus la place, / Las! las! ses beautés laissé choir! / Ô vraiment marâtre Nature, / Puis qu'une telle fleur ne dure / Que du matin jusques au soir! / Donc, si vous me croyez, mignonne, / Tandis que votre âge fleuronne / En sa plus verte nouveauté, / Cueillez, cueillez votre jeunesse: / Comme à cette fleur, la vieillesse / Fera ternir votre beauté» (Ronsard, in BLANCHEMAN, 1857: 117; RONSARD, 1571: 117). Cf. AUKRUST, 2008.

⁷ «Vieillard, lui dit la Mort, je ne t'ai point surpris; / Tu te plains sans raison de mon impatience» (LA FONTAINE, 1755-1759: 46).

⁸ Hugo dirige-se à sua filha, Leopoldina, que falecera quatro anos antes, chorando o seu desaparecimento e interrogando a condição humana: «Je vis cette faucheuse. [...] / Elle allait à grands pas moissonnant et fauchant, / Noir squelette laissant passer le crépuscule» (HUGO, 1856: 61); «[...] les triomphateurs sous les arcs triomphaux / Tombaient [...]» (*Ibidem*); «Derrière elle, le front baigné de douces flammes, / Un ange souriant portait la gerbe d'âmes» (*Ibidem*: 62).

delaire, em «La mort des amants», poema que abre a última a seção de *Fleurs du Mal*, intitulada precisamente «La mort» (BAUDELAIRE, 1861: 295-296)); desejada (em Leconte de Lisle, ou em Baudelaire);⁹ libertadora (como não lembrar Keats e a sua «Ode on indolence»? (KEATS, s.d.)); confortadora (recordando aqui Philippe Ariès a antiga crença medieval do último destino da morte como *anapsikseos*, como *locus* de consolo e descanso (ARIÈS, 1996: 79); esperança para os pobres, os amantes e os artistas (recordemos de novo Baudelaire e a última seção de *Fleurs du Mal* (BAUDELAIRE, 1857: 243-244, 245-246 e 247-248)).

4.

Entretanto, vale a pena também lembrar o relevo de que se reveste esta questão na literatura portuguesa, magnífica e tão abundante na sua representação literária.

Ao invocarmos aqui algumas manifestações literárias que fundamentam uma noção capaz de nos conduzir a uma interessante figuração da morte, nas suas mais diversas facetas, é porque elas assentam em última análise numa prática literária na qual há que reconhecer uma polifonização de temas e motivos, pelo que de pluralidade essa prática reflete. E o mesmo se deverá reconhecer na literatura portuguesa (como, aliás, já Urbano Tavares Rodrigues (1985) mostrou), tão magnífica e pródiga, no que à *representação* da morte diz respeito).

Na poesia trovadoresca, ela aparece variavelmente glosada: procurada, tal como a loucura;¹⁰ desejada, se não se puder ver a amada, ou existindo um amor não correspondido;¹¹ resultado de um amor desesperado;¹² efeito

⁹ «Meurs donc, tu renaîtras! L'espérance en est sûre» (DE LISLE, 1882, p. 240). «O Mort, vieux capitaine, il est temps! levons l'ancre! [...] Verse-nous ton poison pour qu'il nous réconforte!» (BAUDELAIRE, 1861: 312-313).

¹⁰ «A boa dona por que eu trovava» (João Garcia de Guilhade).

¹¹ «A Deus grad'hoje, mia senhor» (Vasco Praga de Sandim); «A dona que eu am'e tenho por senhor» (Bernal de Bonaval); «A mia senhor, a que eu sei querer» (Rui Pais de Ribela); «A tal estado m'adusse, senhor» (D. Dinis); «Ai Deus! e quem mi tolherá» (Bernal de Bonaval); «Des hojemais já sempr'eu rogarei» (Fernão Garcia Esgaravunha); «Que bem que m'eu sei encobrir» (Nuno Fernandes Torneol); «Pero m'eu moiro, mia senhor» (Bernal de Bonaval).

¹² «A que eu quero gram bem, des que a vi» (Afonso Pais de Braga).

da separação dos amantes;¹³ preferível a ter conhecido a beleza da amada;¹⁴ com o poder de separar os amantes, ou o seu amor;¹⁵ ansiada, mas não conseguida, por Deus não lha conceder;¹⁶ dando ela o prazer não permitido pelo sofrimento causado no amor;¹⁷ relacionada com o sofrimento de amor;¹⁸ apetecida, pelo facto de saber que o outro sentirá a sua falta;¹⁹ apresentada com um ponto de vista parodístico.²⁰

Quanto ao *Cancioneiro Geral*, de Garcia de Resende²¹ – Cancioneiro que recupera dialogicamente o amor cortês da mulher platónica, ideal de beleza, e a dupla sintomatologia do amor (prazer e sofrimento), acrescentando a mulher tangível, mais renascentistas –, é interessante verificar que, *e.g.*, só nas primeiras 61 folhas, o termo «morte» aparece 148 vezes, enquanto o termo «inferno», 11 vezes; repare-se, também, no tão significativo «Inferno dos namorados», de Duarte de Brito,²² no sofrimento de amor, pela mão do Conde de Vimioso,²³ ou, ainda, nas próprias *Trovas que Garcia de Resende Fez à Morte de D. Inês de Castro*, do próprio Garcia de Resende, falecido em 1536, no mesmo ano, aliás, em que faleceu Gil Vicente – que, a propósito da problemática aqui considerada, tão bem dramatizou o discurso tanato-

¹³ «Vai-s'ò meu amig'alhur sem mi morar» (D. Dinis).

¹⁴ «Ai mia senhor! se eu nom merecesse» (Martim Soares).

¹⁵ «Amiga, voss'amigo vi falar» (Pedro Amigo de Sevilha); «Senhor fremosa, par Deus, gram razom» (Vasco Praga de Sandim).

¹⁶ «Amigas, seja cuidando» (Martim Padrozelos); «Como me Deus aguisou que vivesse» (D. Dinis); «De quant'eu sempre desejei» (João Soares Somesso).

¹⁷ «Tam muito mal mi fazedes, senhor» (D. Dinis).

¹⁸ «Senhor, o gram mal e o gram pesar» (João Soares Coelho); «Quero-vos eu, senhor, gram bem» (Vasco Praga de Sandim).

¹⁹ «Senhor fremosa, vejo-me morrer» (Afonso Mendes de Besteiros); «Praz-m'a mi, senhor, de morrer» (D. Dinis).

²⁰ «Roi Queimado morreu com amor» (Pero Garcia Buralês).

²¹ *Cancioneiro Geral: cum Preuilegio / [Foy ordenado e eme[n]dado por Garcia de Resende fidalgo da casa del Rey nosso senhor e escriuam da fazenda do principe]* Almeayrym e acabouse na muyto noble e sempre leall cidade de Lixboa: per Hermã de Cãmpos, 28 Sete[m]bro 1516. – [4], CCXXVII, [1] f.: 2 grav. heráldicas; 2.º (32 cm).

²² «Com Erudice vi Orfeo / tangendo sa doce lira, / vi Driana com Teseo, / com Tanace Macareo / e Hercoles com Daimira. / Ali Paris com Helena, / vi Grismonda com Griscal / com muitas dores, / que chorava com gram pena / a gram coita desigual / de seus amores» (fol. xl) (RIBEIRO & SOUSA, 2012).

²³ «Calando e sofrendo / meu mal sem medida, / mil mortes na vida / sinto, não vos vendo. / E pois que, vivendo, / morro toda via, / viver não queria» (fol. LXXXV).

lógico nos *Auto da Barca do Inferno*, *Auto da Barca do Purgatório*, *Auto da Barca da Glória*.

E quando, como em Camões, em «Sôbolos rios que vão», o tempo domina, dissolvendo tudo, causando a fortuna a corrupção de todos os bens, proporcionando a morte como solução?²⁴ Já relativamente à poesia no período gongórico, sublinha Urbano Tavares Rodrigues, fala-se «muito em morte [...]»; contudo, lembra que «a seriedade da morte está quase sempre dele ausente», com exceção de Vieira, «ao serviço de proposições ascético-místicas ou de uma apologética católica» (RODRIGUES, 1985: 672).

E, num longo século das luzes, com uma presença não muito marcante da temática tanatológica, com uma literatura fortemente voltada para a sátira e o bucolismo, encontramos, já no seu final, um Bocage, que deseja a «morte de amor, melhor que a vida».²⁵ Com os românticos, aprofunda-se a exploração da imagética tanatológica: tal acontece, *e.g.*, com Alexandre Herculano, em «Semana Santa», n'A *Harpa do Crente* (com a descida de Deus à terra, para julgar os mortos que se erguem das suas tumbas),²⁶ ou com Almeida Garrett, na sua elegia a Natércia, no poema «Camões»,²⁷ longe, porém, da melancolia e sentimento exagerados do «Noivado do sepulcro», do ultrarromântico Soares de Passos (1870: 16-19) – um pouco à semelhança, aliás, do que aconteceu, de uma forma geral, com a literatura ultrarromântica.²⁸

²⁴ «[xix] [...] assi nos traz a mudança / de esperança em esperança, / e de desejo em desejo. // [xx] // Mas em vida tão escassa / que esperança será forte? / Fraqueza da humana sorte, / que, quanto da vida passa / está receitando a morte!» (CAMÕES, 2016: 18).

²⁵ «Mais doce é ver-te de meus ais vencida, / Dar-me em teus brandos olhos desmaiados / Morte, morte de amor, melhor que a vida» (BOCAGE, 1994).

²⁶ «E seguia a visão. Cria ainda achar-me, [12] / Alta noite, na igreja solitária / Entre os mortos, que, erectos sobre as campas, / Eram há pouco um fumo que ondeava / Pelas figas do vasto pavimento. / Olhei. [...] O firmamento / Era profundo e amplo. Envolto em glória, / Sobre vagas de nuvens, rodeado / Das legiões do Céu, o Ancião dos dias / O Santo, o Deus descia. Ao sumo aceno / Parava o tempo, a imensidade, a vida / Dos mundos a escutar. Era esta a hora / Do julgamento desses que se alçavam, / À voz de cima, sobre as sepulturas?» (HERCULANO, 1860: 12-13).

²⁷ «Céus! ele mesmo, ele! – Precipita-se / Sobre o cadáver... ergue o véu... – “Natércia!” / – “Natércia” de eco em eco repetiram / Os ecos dos moimentos, acordados / Do sono sepulcral» (GARRETT, 1825: 44).

²⁸ «Com os nossos ultrarromânticos, influenciados por Schiller, Byron e Espronceda, aparece toda a cenografia macabra das necrópoles, com o seu cortejo de mochos pia-

Entretanto, e colocando esta problemática no enquadramento estético-literário que aqui nos compete privilegiar, cremos não ser abusivo acentuar um dos expoentes máximos na exploração das variáveis tanatológicas: Antero de Quental;²⁹ a morte, tematizada enquanto fenómeno natural, pensada de um ponto de vista filosófico, metafísico, atravessa toda a sua obra, sobretudo no registo poético.³⁰ De facto, em quase toda a sua produção poética, epistolográfica e ensaística, afigura-se, tópica e polifonicamente, a inquietação existencial e metafísica da finitude, da morte na relação com a ideia de absoluto.³¹ E, em certa medida, as virtualidades significativas que decorrem da sua presença enriquecem-se, sabemo-lo qualitativamente, na configuração de uma força motriz que, justamente porque se figura sob diferentes ângulos, se impõe como uma espécie de *leitmotiv*. Encontramos nele uma morte que, nunca deixando de ser misteriosa (como revela em carta a António de Azevedo Castelo Branco (QUENTAL, 1989: 148), é sentida e ouvida pelo sujeito poético; é por ele abraçada; é por ele entendida como confiável; é compreendida como solução para os que sofrem; é identificada com a verdade; é considerada

dores, cruzeiros e fantasmas, vestindo um erotismo funéreo que se derrama em meditações mortuárias e emoções toldadas de lugares-comuns, numa ascensão frustrada para o sublime [...]» (RODRIGUES, 1985: 673).

²⁹ Para uma leitura alargada desta problemática em Antero, remetemos para BEAU, 1935; CARVALHO, 1943; PIMPÃO, 1972; PAVÃO, 1971; CATROGA, 2001; ROIG, 1994; CALDERÓN, 1992; GUERREIRO, 2012; RIBEIRO, 2017.

³⁰ Repare-se nos sonetos «Entre sombras» (QUENTAL, 1886: 40-41); «A Fada Negra» (*Ibidem*: 46-48); «Sepultura romântica» (*Ibidem*: 52); «Palavras d'um certo morto» (*Ibidem*: 69); «Mors liberatrix» (*Ibidem*: 78); «Mors-Amor» (*Ibidem*: 80); «Anima mea» (*Ibidem*: 82); «Elogio da morte» (*Ibidem*: 103-108); «Lacrimae rerum» (*Ibidem*: 110); «O que diz a morte» (*Ibidem*: 120). Tenha-se ainda em conta os poemas «Força-Amor» (QUENTAL, 1892: 15-18); «A pirâmide do deserto» (*Ibidem*: 55-57); «A senda do Calvário» (*Ibidem*: 67-69); «Ad amicos» (*Ibidem*: 223-224); «Per amica silentia lunae» (*Ibidem*: 81-89).

³¹ «A morte tem uma razão metafísica, por conseguinte é necessária» («A metafísica da morte», in QUENTAL, 1892: 195).

como possibilidade para a concretização amorosa,³² é vista como libertadora,³³ é encarada como meio para compreender a vida...³⁴

Entretanto, ainda no final do séc. XIX, se a presença da morte (e do macabro) se encontra bem presente nas «Palavras a um enforcado» (de Gomes Leal), no *Sentimento dum Ocidental* (de Cesário Verde),³⁵ ou no *Só* (de António Nobre),³⁶ ela aprofunda-se com Camilo Pessanha e, posteriormente, com Raul Brandão. No *Húmus*, de Raul Brandão (cruzando-se aí constantemente a presença da morte (RODRIGUES, 2000: 573), encontraríamos o debate sobre o sentido da vida;³⁷ na *Clepsidra*, de Camilo Pessanha – poeta

³² «In urna perpetuum ver» (in QUENTAL, s.d.: 71-72).

³³ Como não nos lembrar aqui a figura do Abafador, abordada por Miguel Torga, no conto «O Alma Grande» (*Novos Contos da Montanha* (TORGA, 1959))? Nesse conto, Torga conta a história do «pai da morte», em Riba Dal, terra de judeus; essa personagem, o Abafador, libertava os moribundos, abreviando a sua morte, em comunidades de judeus, ou cristãos-novos – como meio, sabe-se, de evitar que as últimas palavras pudessem inadvertidamente revelar práticas religiosas escondidas e, por isso, condenar à Inquisição uma família, ou uma comunidade –, comparecendo aqui uma outra importante faceta deste problema, mas que aqui, por razões metodológicas, não abordamos: a morte como «libertação», consentida, portanto, pela comunidade.

³⁴ «Saibamos compreender a Morte, que é a única maneira de sabermos compreender a Vida e de sabermos viver» («Filosofia da morte», in QUENTAL, 1892: 195).

³⁵ Neste conhecido (e importante) poema de Cesário, são omnipresentes os signos da prisão e da morte, sobretudo nas séries poemáticas «Noite fechada» e «Horas mortas», na imagem de uma cidade que, enclausurante, oprime um sujeito, que experimenta um «desejo absurdo de sofrer» (VERDE, 1887: 60).

³⁶ Recorde-se a este propósito o poema «Paz»: «Toda a dor pode suportar-se, toda! / Mesmo a da noiva morta em plena boda, / Que por mortalha leva... essa que traz... // Mas uma não: é a dor do pensamento! / Ai quem me dera entrar nesse convento / Que há além da Morte e que se chama A Paz!» (NOBRE, 1892: 58).

³⁷ Recordemos a primeira frase do primeiro texto do *Húmus*, intitulado «A vila» (publicado na 2.ª série da revista *A Águia*) – que coloca desde logo o leitor numa posição de alguma inquietação («Ouço sempre o mesmo ruído de morte que devagar rói e persiste...» [BRANDÃO, 1917: 9]) –, a última frase do mesmo conto, significativa pelos sentidos simbólicos que encerra («Estamos aqui todos à espera da morte! estamos aqui todos à espera da morte!» [BRANDÃO, 1917: 32; e também no final, no texto «Vêm aí os desgraçados» [*Ibidem*: 334]) e o texto «Papeis do Gabiru», onde a morte é encarada como «amiga» – ideia que se encontra nos contornos semânticos descortinados através da correspondência entre «vida» e «morte», na franja semântica que rodeia os verbos «acalmar» e «confiar»: «Cheguei ao ponto, Morte. Cheguei onde queria. Tu és o meu sonho frenético. Não há outro maior. Cheguei ao ponto em que te não distingo da vida. Tu és a vida maior. [...] Cheguei ao ponto, Morte, em que não me metes medo. Aceito-te. De ti me vem a vida. Absorve-me. Só tu agora me prendes os olhos e de ti, não posso arranca-los. [...] Confio em ti. [...] Só tu resolves e explicas. Só tu acalmas»

muito admirado pelos órficos Fernando Pessoa e Mário de Sá-Carneiro (convidado, até, que foi para publicar naquela que seria a *Orpheu* 3) –, deparáramos com a advertência acerca do inútil desejo vital, mas também a apologia do desprendimento para com a vida, justamente por concluir que a resposta à passagem breve daquela se encontra na consciência do carácter inexorável da morte e na abdicação total de lutar contra algo que já está destinado, «Porque o melhor, enfim, / É não ouvir nem ver... / Passarem sobre mim / E nada me doer!» (PESSANHA, 2014: 107). O mesmo é dizer que o sujeito poético abraça a renúncia («E eu dormindo um sono / Debaixo duma pedra»), a indiferença («Alheio às vãs labutas, / Às estações do ano»), o desejo de paz e serenidade, o desejo de se afastar da realidade, das ilusões, das paixões, dos conflitos, da multidão («Rixas, tumultos, lutas, / Não me fazerem dano...» (*Ibidem*))... E, por aí, as imagens do fracasso e da morte possuem um peso adicional, sobretudo quando o sujeito poético pretende vincar as condições e as circunstâncias em que ocorre a sua relação com o objeto vital que se propõe atingir. Talvez por isso o valor nuclear daquelas dominantes temáticas resida grandemente em alguns versos vertebrais do poema «Branco e vermelho», sobretudo naqueles quando o sujeito poético pede: «Ó Morte, vem depressa, / Acorda, vem depressa, / Acode-me depressa» (*Ibidem*: 117).

5.

Nas ilações que podem ser retiradas no que concerne ao equacionamento do registo literário da morte, devem ser destacados dois aspetos cardinais: antes de mais, o que tem que ver com os procedimentos que presidem àquele registo, assim como com as consequências literárias de tais procedimentos. Depois, o problema coloca-se noutros termos: trata-se então de se saber até que ponto esses procedimentos servem como elementos de ativação de uma produtividade literária que funcione como opção estética que permita um enquadramento semântico que lhes corresponda. E, por essa ótica, os nossos modernistas, em particular Mário de Sá-Carneiro e

(BRANDÃO, 1917: 296). Cf. MOURÃO-FERREIRA, 1992; REYNAUD, 2000; RODRIGUES, 2000: 569-574; VASCONCELOS, 2016; VILA MAIOR, 2018.

Fernando Pessoa, adquirem posição de destaque, na relação que, mediadamente, mantêm com um contexto sociocultural muito particular (final do séc. XIX e início do séc. XX), balizado pelo desenvolvimento científico-tecnológico, pelo movimento cosmopolita e conseqüente subversão das relações humanas.

Essa relação, em Mário de Sá-Carneiro, é, *e.g.*, ilustrada axialmente pelas novelas *Mistério* (de agosto de 1913, publicada em 1915) e *A Estranha Morte do Prof. Antena* (de dezembro de 1913/janeiro de 1914, e publicada em 1915) e pelo conto «Página dum suicida» (de novembro de 1908 e publicado na revista *Azulejos*, n.º 72, em 6 de fevereiro de 1909).

Na novela *Mistério*, a personagem principal (um artista, que, no passado, sofrera muito), tendo concluído que não nascera para a felicidade, encontra um dia aquela (a irmã mais velha de um amigo) com quem tantas vezes sonhara, e de quem depois se tornaria noivo. O artista encontra, finalmente, a serenidade e triunfa (chegando mesmo, de tanta felicidade, a desejar morrer com ela). Vão, então, os dois viver para uma *villa*, onde se respirava felicidade num apartamento quase total, espaço propício ao amor entre os dois amantes:

[...] a capital», escreve o narrador, «adivinhou-se ao longe num tumultuar de luzes, pressentida num vago eco a movimento e a civilização que melhor vinha frisar ainda a tranquilidade e o isolamento da moradia encantada (SÁ-CARNEIRO, 1993: 141).

Como se vê, a configuração de um espaço como que mágico, longe da realidade da capital, acaba, em última instância, por acentuar o contraste entre, por um lado, o silêncio e a paz que rodeava a moradia e, por outro, o movimento da capital, como que sugerindo o narrador que aqueles amantes não tinham sido feitos para viver no meio da «civilização». Com isto, pretende o narrador dizer que o sentimento amoroso, no seu estado mais puro, não só é incompatível com excessos citadinos e cosmopolitas, mas também encontra a sua perfeita realização somente na morte (com efeito, mais tarde, os dois noivos são estranhamente encontrados mortos, em beatitude serena, sem quaisquer sinais de violência).³⁸

³⁸ Como não relacionar esta novela com o romance de Albert Cohen *Belle du Seigneur* (COHEN, 1998), que receberia em 1968 o Grande Prémio de Romance da Academia

Pode ainda dizer-se o quão a novela *A Estranha Morte do Prof. Antena* se torna a este nível igualmente sintomática, pela tradução, num nível estético-literário, da atmosfera funesta e perversamente inseparável do [aparente] triunfalismo creditado pelo desenvolvimento científico-tecnológico. O narrador e o seu Mestre, o Prof. Antena, passeiam; de repente, este cai morto, de forma misteriosa (como se tivesse sido atropelado). O narrador dirige-se depois para o laboratório do Prof. Antena e vê uma máquina estranha:

[...] corri ao laboratório. E efetivamente um misterioso ruído — como que zumbido de abelhas fantásticas — chegava do interior. Não hesitei um segundo... Abri a porta, cuja fechadura ofereceu uma resistência desusada... entrei... (SÁ-CARNEIRO, 1993: 220);

e continua:

Sobre uma mesa [...], estava assente um aparelho que eu nunca vira. [...] Era como que um pequeno motor cujo volante fosse substituído por uma hélice formada por um sistema de três ampolas de vidro. As ampolas continham uma substância roxa e *dardejavam em torno de si um halo de luz negra*. Não divago. Os raios luminosos projetados eram efetivamente negros. [...] Receei cair fulminado pelos estranhos fluidos, sufocado pela temperatura infernal — e não sei em verdade o que me sucedera se não vencesse o sangue-frio de correr ao comutador eléctrico que fornecia a corrente que acionava o aparelho. Fechei-o... Imediatamente a máquina parou... Olhei as ampolas. A substância roxa evolara-se — *como se só o movimento a criasse* (Ibidem: 220-221).

Francesa, e para o pacto de morte entre os dois amantes, Ariane e Solal — que, tendo fugido para viver longe de tudo e de todos (e procurando subtrair-se à realidade entediante de uma temporalidade burguesa, incapaz de compreender o sublime), acabam, afinal (longe do «*délire sublime des débuts*»), por sucumbir ao tédio e à monotonia (desejando, assim, Albert Cohen não só conduzir a ação para a necessidade de melhor apreender a relação entre amor e morte, mas, sobretudo, avaliar os frágeis e enganadores fundamentos de uma civilização que se abriga sob as fraquezas de uma ideia de progresso)?

Ora, a questão que aqui nos interessa sublinhar encontra-se na relação existente entre a cor da luz («*negra*») que era projetada pelas «ampolas», a cor da substância («*roxa*») que se encontrava dentro das ampolas e no facto de esta só ser «criada» pelo «movimento» (aqui identificado com um movimento produzido por uma «máquina», signo emblematicamente representativo de um contexto histórico tão marcante como foi o início do séc. XX, singularizado precisamente pela ascendência da máquina). Ora, se esta relação é capaz de sugerir uma importante ilação no que diz respeito à presença do signo da morte (vincado pelos valores que com ele consabidamente se relacionam, as cores negra e roxa), ela permite igualmente apreender um ponto particularmente importante, no plano das conexões entre a sua ideia, o homem, a criação de maquinismos e o movimento. Como se, afinal, a morte não só fosse inerente àquele contexto histórico-cultural, mas também a ele conduzisse, o que não poderia deixar de inevitavelmente nos encaminhar de igual modo para a ideia mais geral de crise civilizacional...

E seria, efetivamente, àquele estádio derradeiro que, em última instância, o desenvolvimento científico-tecnológico conduziria, na perspetiva de uma outra personagem de Mário de Sá-Carneiro, Lourenço Furtado, no conto «Página de um suicida». Não conseguindo resistir à sua curiosidade de conhecer a morte, Lourenço Furtado decide suicidar-se, considerando-se portanto diferente dos que morrem sem o desejar. Com esse suicídio, com esse caminhar voluntário ao encontro da morte, Lourenço Furtado acredita que, para além do estatuto de «descobridor» (não revelaria contudo a sua descoberta), seria igualmente referido como um «neurasténico». No entanto, ele próprio refere:

[...] sou simplesmente uma vítima da época, nada mais... O meu espírito é um espírito aventureiro e investigador por excelência. Se eu tivesse nascido no século XV descobriria novos mares, novos continentes... No começo do século XIX teria talvez inventado o caminho de ferro... Há poucos anos mesmo, ainda teria com que me ocupar: os automóveis, a telegrafia sem fios... Mas agora... agora que me resta?...;

responde, pouco depois:

[...] a única coisa interessante que existe atualmente na vida é... a morte! Pois bem, serei o primeiro explorador dessa região misteriosa, completamente desconhecida... (SÁ-CARNEIRO, s.d.: 128).³⁹

Como facilmente se vê, e tendo sobretudo que ver com o contexto social do primeiro quartel do séc. XX, estas referências a Mário de Sá-Carneiro não podem deixar de remeter, por aquilo que significam, para um cenário europeu marcado por uma panóplia de importantes descobertas tecnológicas e para o que esse cenário acarretou, no que concerne à desintegração do monolitismo ideológico, acompanhada pela proliferação de estéticas e ideologias — situação que iria obrigar o sujeito modernista, integrado num mundo fragmentado por uma pletora de «ismos», a apreender, também de forma plural, essa(s) realidade(s). Numa época muito marcada pelo signo da máquina, o sujeito acaba por *representar* um profundo sentimento de tristeza e a uma sensação de derrotismo, a que um conseqüente pluridiscursivismo não é de todo indiferente. E, a este propósito, uma tal perspetivação torna-se particularmente expressiva, sobretudo quando está em causa o modo como Fernando Pessoa responde, mediatamente, a essa inquietação. Fá-lo ortonimamente e pela voz da *alteridade*. Desse modo, supera as limitações do discurso monológico e valoriza polifonicamente o seu testemunho, pela tradução de *outra* instância discursiva, os heterónimos – assumindo-se, por esse lado, as noções de «morte do homem» e de «morte do sujeito cartesiano» como noções implicadas pela desmitologização e falência das grandes narrativas humanistas, pelo (aparente) triunfalismo científico-tecnológico, pela desposseção linguística e literária do sujeito a que, paradoxalmente, uma profunda consciência que o sujeito de si conduz, não só pela perceção acerca da morte inevitável (e como um estádio onde se experimentaria uma determinada plenitude),⁴⁰ mas também pela cons-

³⁹ Para uma mais abrangente visão sobre a presença da imagética da morte nos textos de Sá-Carneiro, ou sobre o modo como este fala dela, ou a representa, veja-se GALHOZ, 1990; LOURENÇO, 1990: 8; FINAZZI-AGRÒ, 1994.

⁴⁰ Recordemos o seu texto dramático *A Morte do Príncipe*, onde o Príncipe considera que a plenitude existe no «Além», dizendo que aí floresceria «em corpo e para fora numa roseira com rosas brancas, e para dentro e em alma num outro universo» (PESSOA, 1986, r: 691).

ciência neófito da «imortalidade cósmica» a que a intuição da morte por vezes conduz.⁴¹

6.

Na esteira do nosso raciocínio, e neste contexto, não nos podemos furtar a invocar Michel Foucault, filósofo que intensifica a ideia de «desposseção» do sujeito, defendendo a tese segundo a qual todo o discurso é uma formulação que foge ao controlo da entidade que o produz, nele se exprimindo «de modo disfarçado interesses inconscientes» (FERRY, 1991: 237). Acaba, assim, o autor de *Les Mots et les Choses* por igualmente se distanciar do cogito cartesiano (FOUCAULT, 1992: 333ss). Nesse sentido, para Foucault, os termos que definem o sujeito não se compadecem com a certeza e a unidade com que Descartes o definiria, defendendo, antes, o «desaparecimento

⁴¹ Vitalina Leal de Matos foi a este propósito muito certa, ao mostrar como a dinamização temática da morte nos textos de Pessoa provém diretamente da profunda consciência que o sujeito tem de si e do mundo: «É sobretudo nos momentos de grande lucidez que a ideia de morte se apossa do poeta. E ela constitui um dos temas mais constantemente presentes e também mais angustiadamente sentidos» (MATOS, 1993: 232). Mas em Pessoa existe vertebralmente uma outra consciência: a consciência do fluir inexorável do tempo, de um tempo que, segundo o sujeito poético, acaba por confirmar a perda da «simplicidade d'alma» que outrora teve (PESSOA, 1986, I: 371, 617), já que, como escreve em 1920, no poema XII de *Inscriptions*, é a vida que nos vive, e «not we life» (tradução «não nós a vida») (PESSOA, 1994a: 120). Considera assim a inevitabilidade da morte em termos que nos fazem lembrar os que o heterónimo Ricardo Reis escreveria em 1930 («amemos / Nossa lareira breve» (PESSOA, 1994b: 166) («O que sentimos, não é sentido»). Encontramos, aliás, a mesma conceção em Álvaro de Campos (no poema *Tabacaria*), ou em Bernardo Soares, num poema de 1919, intitulado «*Semitis desilientis aquae*», quando escreve: «No ar frio da noite calma / Boia sem querer viver / Sente os momentos correr, / Como uma folha no rio, / Sente contra si o frio / Das horas fluidas levando / Seu inerte corpo brando» (PESSOA, 1986, I: 1054). E, curiosamente, é no período compreendido entre 1928 e 1934 que Pessoa, ortónimo e pela voz de Álvaro de Campos e de Ricardo Reis, escreve alguns dos poemas onde de forma mais visível transparece uma tonalidade afetada pelo desencanto, derrotismo e cansaço, pela figura da morte, pelo sentimento de dispersão do eu –e, ao mesmo tempo, por uma profunda consciência do ato de produção poética: Pessoa, e.g., com «Deus não tem unidade», «Autopsicografia», «Quanto fui jaz. Quanto serei não sou» e «A morte chega cedo»; Campos, com «Apostila», «Depus a máscara e vi-me ao espelho» e «O que há em mim é sobretudo cansaço»; Reis, com «Tudo que cessa é morte, e a morte é nossa», «Se recordo quem fui, outrem me vejo» e «Aguardo, equânime, o que não conheço».

da subjetividade» em detrimento da linguagem, ao sublinhar que o sujeito se submete às imposições ditadas pela linguagem (FOUCAULT, 1968: 24).⁴²

E ainda na esteira deste raciocínio, recordemo-nos de Roland Barthes, quando, num conhecido texto de 1968, intitulado precisamente «A morte do autor» (no qual considera a escrita como o local «neutro» onde o autor perde a identidade, pois, sempre que *conta* um facto, morre), sublinha o facto de a «enunciação» ser «um processo vazio», sem necessidade de «ser preenchido pela pessoa dos interlocutores» (BARTHES, 1987: 51). Deste modo, acaba Barthes por nos conduzir às consequências para as quais, a um nível mais profundo e global, esta questão mediatamente nos reenvia, consequências essas que têm que ver, em primeiro lugar, com a própria perda de identidade do sujeito (no caso, da figura do «emissor/autor» (SILVA, 1997: 206)) e, em segundo lugar, com a presença do próprio homem na linguagem.⁴³

Encarado, assim, como entidade que é desautonomizada em virtude de procedimentos discursivo-ideológicos que lhe retiram a especificidade unitária, o sujeito cartesiano aparece-nos (como acontecerá com Fernando Pessoa) como parte de um outro equacionamento. E é por aí que a conexão de *sujeito pessoano* poderá igualmente ser encarada: como consequência de uma outra morte: a «morte de Deus» – da qual resultará, portanto, a des-substancialização do sujeito (já que aceitar a Entidade divina tende diretamente a traduzir o privilégio da identidade *eu* humano-Outro divino (FERREIRA, 1974: 7)). Esta des-substancialização, ou «desmitologização» – relevada por Matei Calinescu (1991: 127) – verificou-se sobretudo, nos primeiros anos do séc. xx, com o Cubismo e o Futurismo, mas já antes, numa relação direta com a falência das filosofias humanistas, tinha sido formulada por Nietzsche, com a referência à «morte de Deus», à «morte do Homem», à vinda do super-homem, ao equacionamento da Modernidade sem ponto de equilíbrio, sem centro, e ao equacionamento da ideia plural do sujeito (FERRY, 1991: 236; MERLIO, 1994; PHILIPPON, 1994; RIBEIRO, 2014).

⁴² Para um melhor esclarecimento desta questão, leia-se HABERMAS, 1993: 285 ss.; MESCHONNIC, 1993: 140-144; BURKE, 1993: 66 ss.

⁴³ Para um desenvolvimento mais alargado sobre a problemática da morte do autor e sobre a evolução dessa questão, cf. BARTHES, 1987: 49-53; SILVA, 1997: 235-253; BURKE, 1993: 8-19.

Acrescente-se ainda que, como sublinha Jean-Marie Domenach (1986: 126), o sentido de pluralidade do autor de *Assim Falou Zaratustra* (NIETZSCHE, 2011) se encontra na crítica irônica à ciência e à apologia desenfreada dos valores inerentes ao culto do progresso, apologia essa que descaracterizaria a humanidade, que seria transformada numa massa fragmentada e informe de indivíduos, com a conseqüente subversão da verdade.

7.

Terminamos como começámos, reafirmando a necessidade da morte; *perceber* a morte humaniza. Impõe-se *pensar* a morte, *ensinar* a morte, *falar sobre* a morte.⁴⁴ *Escrever sobre* a morte é primordial ao ser humano, sabendo-se que «todo o equilíbrio final de um homem», ensinou Virgílio Ferreira (1981: 10), «está em saber tranquilamente que a morte também tem a sua razão».

Lembremo-nos, para terminar, do mito de Midas e do romance *As Intermittências da Morte*, de José Saramago.

Segundo a versão de Pausânias, a mais antiga, Midas, o rei da Frígia, angustiado com uma pergunta, encontra Sileno – o mais velho sátiro seguidor de Dionísio, seu companheiro e também seu tutor –, que, embriagado, se encontrava tombado no chão de uma floresta. Com diversas questões que o atormentavam, o rei coloca uma questão a Sileno (conhecido pela sua sabedoria), tentando que ele o esclarecesse sobre o que seria melhor para os homens, sobre o que o homem teria de fazer para ser feliz; Sileno responde, dizendo-lhe que a única solução para o homem ser feliz é não ter nascido; tendo já nascido, só lhe restaria morrer, retornando à sua situação anterior, menor que o mínimo (PAULA, 2013: 130 ss.; HERREN, 2017: 92 ss.).

Por seu lado, Saramago, em *As Intermittências da Morte*, obriga-nos, em registo tanatográfico, a tomar consciência não só da nossa condição efémera, da nossa resignação diante da morte, da nossa resistência ao desaparecimento, mas também dos benefícios da morte (SILVA *et al.*, 2008; SILVA JÚNIOR, 2008; SENGİK & RAMOS, 2015; LOPES, 2014; HECK, 2018). Inician-

⁴⁴ Aconselhamos as seguintes leituras: MORIN, 1970; DUARTE, 2008; LIRA, 2010; FERREIRA, 2006; JORDÃO, 2006; CORREIA, 2013; RAMOS, 2015; ZAMBELI, 2014; GALHARTE & BOZIO, 2010.

do-se o romance com a frase: «No dia seguinte ninguém morreu», narra-se o que acontece num país fictício, quando a morte faz greve, ficando inativa, sem ação, suspensa, não cumprindo a sua função de retirar a vida aos seres humanos. Ora, a suspensão da morte acarreta uma enorme confusão para a sociedade: as pessoas não sabem o que fazer aos seus familiares que se encontram em estado terminal; as agências funerárias e as seguradoras rejeitam a falência; os hospitais e os lares ficam sobrelotados; a Igreja teme a situação, já que sem morte não haverá ressurreição. Saramago obriga-nos, assim, a refletir sobre a morte, ainda que com uma outra orientação: o que aconteceria se não morrêssemos? A morte é necessária, apesar de ser considerada «impiedosa, cruel, tirana, malvada, sanguinária, vampira, imperatriz do mal, drácula de saias, inimiga do género humano, desleal, assassina, traidora, *serial killer*...» (SARAMAGO, 2009: 126). A sua ausência, como mostra o narrador, é um verdadeiro inferno para os vivos, com a subversão das estruturas religiosas, sociais, políticas.

Entretanto, a morte decide regressar, informando, por carta, as vítimas da sua hora fatal. Perante a devolução de uma das cartas enviadas, a morte fica admirada, decidindo, então, investigar quem é a pessoa que não morreu (trata-se de um músico, um violoncelista). Tentando perceber a razão da devolução, a morte vai, então, paulatinamente, experimentando e experienciando sensações humanas, refletindo sobre algumas sensações, costumes, percepções humanas, até culminar na sua completa transformação numa personagem feminina. Decide seduzir o músico, mas é seduzida, e, na última cena, apaixona-se por ele:

Quando ele terminou, as mãos dela já não estavam frias, as suas ardiavam, por isso foi que as mãos se deram às mãos e não se estranharam. Passava muito da uma hora da madrugada quando o violoncelista perguntou, Quer que chame um táxi para a levar ao hotel, e a mulher respondeu, Não, ficarei contigo, e ofereceu-lhe a boca. Entraram no quarto, despiram-se e o que estava escrito que aconteceria, aconteceu enfim, e outra vez, e outra ainda. [...] A morte voltou para a cama, abraçou-se ao homem e, sem compreender o que lhe estava a suceder, ela que nunca dormia, sentiu que o sono lhe fazia descair suavemente as pálpebras. No dia seguinte ninguém morreu (*Ibidem*: 207).

Em última instância, remetem estas palavras para dois significados que importa, em conclusão, sublinhar: para a relação umbilical entre vida e morte e para a noção de identidade na relação amorosa, só conseguida com a síntese das dicotomias... porque, afinal, no diálogo entre a morte e a vida, no diálogo entre a mortalidade e a imortalidade, quem vence é, efetivamente, o amor.

Bibliografia

- ARIÈS, P. (1975). *Essai sur l'Histoire de la Mort en Occident*. Paris: Seuil.
- ARIÈS, P. (1996). Uma antiga concepção do além. In H. BRAET & W. VERBEKE (eds.). *A Morte na Idade Média* (pp. 79-87) (Heitor Megale, Yara F. Vieira e Maria C. Cescato, Trad.). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- ASSIS, M. (2006). *Obra Completa* (vol. II). Rio de Janeiro: Nova Aguilar.
- AUKRUST, K. (2008). *Violences du Corps. Une Étude du Macabre chez Ronsard, Aubigné et Chassignet*. (Tese de Doutorado não publicada). Universidade de Oslo, Oslo (Noruega).
- BARTHES, R. (1987). *O Rumor da Língua*. Lisboa: Edições 70.
- BAUDELAIRE, C. (1857). *Les Fleurs du Mal*. Paris: Poulet-Malassis et de Broise Librairies-Éditeurs.
- BAUDELAIRE, C. (1861). *Les Fleurs du Mal*. Paris: Poulet-Malassis et de Broise Librairies-Éditeurs.
- BEAU, A. E. (1935). *Antero de Quental e a Ideia da Morte*. Coimbra: Biblioteca Geral da Universidade.
- BLANCHEMAN, M. P. (ed.) (1857). *Œuvres Complètes de P. de Ronsard* (nouvelle édition). Paris: P. Jannet.
- BLANCHOT, M. (1997). A literatura e o direito à morte. In *A Parte do Fogo* (pp. 289-330) (Ana Maria Scherer, Trad.). Rio de Janeiro: Rocco.
- BLUMENTHAL, T. (2007). *A Literatura Desgarrada de Franz Kafka*. (Tese de Mestrado não publicada). Universidade de São Paulo, São Paulo (Brasil).
- BOCAGE, M. M. B. (1994). *Sonetos e Outros Poemas*. São Paulo.
- BORGES, J. L. (1999). *Obras Completas – 1975-1988* (vol. IV). Lisboa: Círculo de Leitores.

- BORGES, J. L. (2008). O imortal. In *O Aleph* (pp. 7-25). São Paulo: Companhia das Letras.
- BRANDÃO, R. (1917). *Húmus*. Porto: Renascença Portuguesa.
- BURKE, S. (1993). *The Death and Return of the Author. Criticism and Subjectivity in Barthes, Foucault and Derrida*. Edinburgh: Edinburgh University Press.
- BYLAARDT, C. O. (2013). Negatividade e morte no pensamento de Maurice Blanchot. *Letras de Hoje*, vol. 48, n.º 2, pp. 182-190.
- CALDERÓN, M. (1992). Análisis de los sonetos del ciclo de la muerte de Antero de Quental. *Quadrant*, vol. 9, pp. 85-102.
- CALINESCU, M. (1991). *Cinco Caras de la Modernidade*. Madrid: Editorial Tecnos.
- CAMÕES, L. (2016). *Redondilhas Sôbolos Rios, Odes* (Rita Marnoto, coord.) (vol. 3). Coimbra-Genève: Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos/ Centre d'Études Lusophones.
- Cancioneiro Geral: cum Preuilegio* [Foy ordenado e eme[n]dado por Garcia de Reesende fidalguo da casa del Rey nosso senhor e escriuam da fazenda do principe] (1516). Almeyrym e acabouse na muyto nobre e sempre leall cidade de Lixboa: per Hermã de Cãmpos.
- Cantigas Medievais Galego-Portuguesas* (s.d.).
- CARVALHO, R. G. (1943). A presença da morte nos sonetos de Antero. *Ocidente*, vol. 18, pp. 29-31.
- CATROGA, F. (2001). O sentido da morte e da vida. In *Antero de Quental. História, Socialismo, Política* (pp. 75-105). Lisboa: Editorial Notícias.
- COHEN, A. (1998). *La Belle du Seigneur*. Paris: Gallimard.
- CORREIA, G. M. R. R. (2013). *A Morte na Literatura Infanto-juvenil: da Análise de Obras Literárias ao Incentivo da Leitura desta Problemática na "Hora do Conto" da Biblioteca Escolar*. (Tese de Mestrado não publicada). Universidade Portucalense, Porto (Portugal).
- COUTO, J. L. P. (2012). A negação do mundo: a palavra proibida. *Revista Estação Literária*, vol. 9, pp. 111-121.
- DE LISLE, L. (1882). *Poèmes Barbares*. Paris: A. Lemerre.
- DOMENACH, J.-M. (1986). *Approches de la Modernité*. Paris: École Polytechnique.

- DOSTOIÉVSKI, F. (2005). *Bobók* (Paulo Bezerra, Trad. e análise do conto). São Paulo: Editora 34.
- DUARTE, L. P. (org.) (2008). *De Orfeu e de Perséfone. Morte e Literatura*. São Paulo-Belo Horizonte: Atelié Editorial/Editora PUC Minas.
- FERREIRA, I. M. C. (2006). *A Morte em Quatro Narrativas Brasileiras da Segunda Metade do Século XX*. (Tese de Mestrado não publicada). Universidade do Porto, Porto (Portugal).
- FERREIRA, V. (1974). Do «eu», etc. *Colóquio/Letras*, vol. 19, pp. 6-15.
- FERREIRA, V. (1981). Ansiedade/angústia e a cultura moderna. *Colóquio/Letras*, vol. 63, pp. 5-10.
- FERRY, L. (1991). Modernidade e sujeito. In M. M. CARRILHO (dir.). *Dicionário do Pensamento Contemporâneo* (pp. 235-241). Lisboa: Círculo de Leitores.
- FINAZZI-AGRÔ, E. (1994). O grande intervalo: a indicação da morte na poesia de Sá-Carneiro. In L. P. DUARTE (coord.). *Anais da Semana de Estudos Mário de Sá-Carneiro [80 Anos de Dispersão e de A confissão de Lúcio]* (pp. 9-20). Belo Horizonte: Centro de Estudos Portugueses da FALE/UFMG.
- FOUCAULT, M. (1968). Distance, aspect, origine. In AA.VV. *Théorie d'Ensemble* (pp. 11-24). Paris: Éditions du Seuil.
- FOUCAULT, M. (1992). *Les Mots et les Choses*. Paris: Gallimard.
- FROIDMONT, H. (1700). *Vers de la Mort, par Dans Hélynand, Religieux en l'Abbaye de Froidmont, Diocèse de Beauvais, en l'An 1200* (A. Loisel, ed.). S.l.: s.e.
- FROIDMONT, H. (s.d.). *Vers sur la Mort, par Thibaud de Marly, Imprimés sur Un Manuscrit de la Bibliothèque du Roi* (D.-A. Méon, ed.). S.l.: s.e.
- GALHARTE, J. A. X., & BOZIO, M. C. R. (2010). Entre o «parado» do corpo e o turbilhão da alma: imagens roseanas do morrer e do viver na fotografia e no cinema. *Recorte - Revista Eletrônica*, ano 7, n.º 2. Disponível em: <http://periodicos.unincor.br/index.php/recorte/article/view/138/pdf> [acessado a 02/02/2019].
- GALHOZ, M. A. (1990). Thanatos, Eros e Ícaro. *Colóquio/Letras*, vols. 117/118, pp. 47-53.
- GARRETT, A. (1825). *Camões, Poema*. Paris: Livraria Nacional Estrangeira.

- GUERREIRO, E. (2012). A ideia de morte nos Sonetos de Antero de Quental. *Bro-téria*, vol. 175, pp. 273-288.
- HABERMAS, J. (1993). *El Discurso Filosófico de la Modernidad*. Madrid: Taurus.
- HANEKE, M. [real.] (2012). *Amour*. Sony Pictures Classics. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=D2csgqo2y7w> [acedido a 12/02/2019].
- HECK, D. M. (2018). A imagem da morte em *As Intermittências da Morte*, de José Saramago: o jogo do simbólico e do imaginário. *Revista Travessias*, vol. 12, n. 2, pp. 70-88.
- HERCULANO, A. (1860). *Poesias* (2.^a ed.). Lisboa: Viúva Bertrand e Filhos.
- HERCULANO, A. (s.d.). *A Harpa do Crente*. Porto: Porto Editora.
- HERREN, M. (2017). *The Anatomy of Myth. The Art of Interpretation from the Presocratics to the Church Fathers*. Oxford-New York: Oxford University Press.
- HUGO, V. (1856). *Les Contemplations. Aujourd'hui* (2.^a ed.) (t. II). Paris: Michel Lévy Frères/J. Hetzel/Pagnerre.
- HUGO, V. (1869). *Œuvre Poétique. Les Feuilles d'Automne*. Paris: J. Hetzel.
- INGARDEN, R. (1979). *A Obra de Arte Literária* (2.^a ed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- JORDÃO, C. M. (2006). A morte (e a volta) do leitor – ou de como usar a voz do outro para reforçar distâncias na aula de literatura. *Revista X*, vol. 2, pp. 1-9.
- KEATS, J. (s.d.). Ode on Indolence. In *Keats Original Manuscripts Of Poetry & Letters*. Disponível em: <https://englishhistory.net/keats/manuscripts/> [acedido a 11.2.2019].
- LA FONTAINE (1755-1759). *Fables Choisies* (t. 3). Paris: Desaint & Saillant.
- LIRA, A. (2010). Ética, finitude e poesia: uma interpretação poético-ontológica da literatura e da morte. *Criação e Crítica*, n.º 10, pp. 89-102.
- LOPES, L. S. (2014). *As Intermittências da Morte de José Saramago: Um Ensaio Alegórico da Finitude*. (Tese de Mestrado não publicada). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte (Brasil).
- LOURENÇO, E. (1990). Suicidária Modernidade. *Colóquio/Letras*, vols. 117/118, pp. 7-12.

- MACHADO, Á. M. (1986). *Les Romantismes au Portugal. Modèles Étrangers et Orientations Nationales* (pp. 535-569). Paris: Fundação Calouste Gulbenkian.
- MATOS, M. V. L. (1993). *A Vivência do Tempo em Fernando Pessoa*. Lisboa: Editorial Verbo.
- MENDES, P. M. S. (2008). *A Eternidade na Obra de Jorge Luís Borges*. (Tese de Mestrado não publicada). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro (Brasil).
- MERLIO, G. (1994). La notion de modernité de Schiller à Nietzsche. In *Modernités*, vol. 5, pp. 141-159.
- MESCHONNIC, H. (1993). *Modernité Modernité*. Paris: Gallimard.
- MORIN, E. (1970). *O Homem e a Morte*. Mem Martins: Publicações Europa-América.
- MOURÃO-FERREIRA, D. (1992). Releitura do *Húmus*. In *Tópicos Recuperados* (pp. 181-189). Lisboa: Editorial Caminho.
- NIETZSCHE, F. (2011). *Assim Falou Zaratustra* (Paulo César de Souza, Trad.). São Paulo: Companhia das Letras.
- NOBRE, A. (1892). *Só*. Paris: Léon Vanier.
- OLIVEIRA, F. V. (s.d.). *Morte e Modernidade em Franz Kafka e Walter Benjamin*. Disponível em: http://www.gewebe.com.br/pdf/cad06/texto_02.pdf [acedido a 02/02/2019].
- PASSOS, A. A. S. (1870). *Poesias* (5.^a ed.). Porto: Cruz Coutinho.
- PAULA, W. A. (2013). *Nietzsche e a Transfiguração do Pessimismo Schopenhaueriano: a Conceção de Filosofia Trágica* (Tese de Doutorado não publicada). Universidade Estadual de Campinas, Campinas (Brasil).
- PAVÃO, J. A. (1971). Antero e a morte. *Contravento*, vol. 4, pp. 5-8.
- PESSANHA, C. (2014). *Clepsidra* (Barbara Spaggiari, ed.). Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- PESSOA, F. (1986). *Obras de Fernando Pessoa* (António Quadros, introduções, organização, biobibliografia e notas). (vols. I-III). Porto: Lello & Irmão Editores.
- PESSOA, F. (1994a). *Poemas Ingleses* (Adolfo Casais Monteiro e José Blanc de Portugal, Trad.). (4.^a ed.). Lisboa: Edições Ática.

- PESSOA, F. (1994b), *Edição Crítica de Fernando Pessoa – Poemas de Ricardo Reis* (Luiz Fagundes Duarte, ed.). (vol. III). Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- PHILIPPON, M. (1994). D'un monde réaliste à un univers énucléé: quelques étapes de la pensée moderne. *Modernités*, vol. 5, pp. 161-173.
- PIMENTEL, D. A. (2013). A morte enquanto linguagem nos escritos de Maurice Blanchot. *RevLet – Revista Virtual de Letras*, vol. 5, n.º 1, pp. 232-245.
- PIMPÃO, Á. J. C. (1972). *Antero – O Livro dos Sonetos. Escritos Diversos* (pp. 515-535). Coimbra: Acta Universitatis Conimbrigensis.
- PINEZI, G., & DANTAS, M. (2013). Experiência literária e morte em Blanchot: teoria do gênio como ontologia da linguagem. *Letrônica*, vol. 6, n.º 2, pp. 716-734.
- QUENTAL, A. (1892). Ensaio sobre as bases filosóficas da moral ou filosofia da liberdade. *Arquivo dos Açores*, vol. XII, pp. 187-195.
- QUENTAL, A. (s.d.). *Primaveras Românticas*. Porto: Porto Editora (Biblioteca Digital).
- QUENTAL, A. (1886). *Os Sonetos Completos de Anthero de Quental* (J. P. Oliveira Martins, ed.). Porto: Livraria Portuense de Lopes.
- QUENTAL, A. (1892). *Raios de Extincta Luz: Poesias Ineditas (1859-1863) com Outras pela Primeira Vez Coligidas*. Lisboa: M. Gomes.
- QUENTAL, A. (1989). *Cartas. Obras Completas de Antero de Quental* (Ana Maria Almeida Martins, organização, introdução e notas) (vols. 1 e 2). Lisboa: Ed. Comunicação.
- RABELAIS, F. (1534). *Gargantua*. Lyon: François Juste.
- RAMOS, A. M. (2015). Reescrever a morte na narrativa infantil portuguesa contemporânea. *Tropelias. Revista de Teoría de la Literatura y Literatura Comparada*, vol. 23, 151-162.
- RESENDE, G. (1910). *Cancioneiro Geral* (A. J. Gonçalves Guimarães, ed.) (5 vols.). Coimbra: Imprensa da Universidade.
- REYNAUD, M. J. (2000). *Metamorfoses da Escrita: Húmus, de Raul Brandão*. Lisboa: Campo das Letras.
- RIBEIRO, C. A., e SOUSA, S. R. (2012). Uma edição, dois estados e algumas questões por resolver: o «Inferno dos namorados» de Duarte de Brito no *Cancioneiro Geral*. *eHumanista*, vol. 22, pp. 112-154.

- RIBEIRO, J. M. (2017). A poética e a filosofia da solidão e da morte na evolução espiritual de Antero de Quental. *Boletín Galego de Literatura*, n.º 51, pp. 93-117.
- RIBEIRO, O. L. (2014). «Morte de “Deus”» e(m) literatura: esboço angular de síntese entre literatura, teologia e política. In J. S. CABRAL e M. C. BINGEMER (orgs.). *Finitude e Mistério: Mística e Literatura Moderna* (pp. 53-80). Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio.
- RODRIGUES, U. T. (1985). Morte como tema nas literaturas portuguesa e brasileira. In J. P. COELHO (dir.). *Dicionário de Literatura* (3.ª ed.) (vol. 2, pp. 671-675). Porto: Figueirinhas.
- RODRIGUES, U. T. (2000). Raul Brandão existencialista «avant-la-lettre»: o espanto, o sonho, a consciência e a morte. In *Colóquio «Ao encontro de Raul Brandão»* (pp. 569-574). Porto: Lello.
- ROIG, A. (1994). Antero de Quental, o poeta cativo. In I. P. LIMA (org.). *Antero de Quental e o Destino de Uma Geração* (pp. 269-291). Porto: Edições Asa.
- RONSDARD, P. (1571). *Les Odes de P. de Ronsard Gentilhomme Vandomois* (t. II). Paris: G. Buon.
- SÁ-CARNEIRO, M. (s.d.). *Princípio e Outros Contos*. Mem Martins: Publicações Europa-América.
- SÁ-CARNEIRO, M. (1993). *Obras Completas de Mário de Sá-Carneiro*. Céu em Fogo (4.ª ed.). Lisboa: Edições Ática.
- SARAMAGO, J. (2009). *As Intermitências da Morte*. São Paulo: Companhia das Letras.
- SENGIK, A. S., e RAMOS, F. B. (2015). Literatura como instrumento de discussão acerca da morte. *Psicologia da Educação. Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Psicologia da Educação*, n.º 41, pp. 119-126.
- SILVA JÚNIOR, A. R. (2008). As intermitências da vida: a morte e o violoncelista. *Scripta*, vol. 12, n.º 23, pp. 66-82.
- SILVA JÚNIOR, A. R. (2012). Morte saturnal e tanatografia em François Rabelais. *Revista Moara*, n.º 37, pp. 176-191.
- SILVA, G. F. (2013). *Fabulae Moriendi: a Ficcionalização da Morte em Quatro Romances da Literatura Contemporânea Portuguesa*. (Tese de Doutorado não publicada). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre (Brasil).

- SILVA, N., et al. (2008). *As Intermittências da Morte: debate acerca do direito à literatura lusófona no processo de alfabetização de jovens e adultos*. *Revista Lusófona de Educação*, vol. 11, n.º 11, pp. 133-148.
- SILVA, V. M. A. (1997). *Teoria da Literatura* (8.ª ed.). Coimbra: Livraria Almedina.
- TORGA, M. (1959). *Novos Contos da Montanha*. Coimbra: Coimbra Editora.
- VASCONCELOS, V. A. R. (2016). *À sombra do Som da Morte a Poética da Escuta e do Silêncio em Raul Brandão e Rui Nunes*. (Tese de doutoramento não publicada). Universidade do Porto, Porto (Portugal).
- VERDE, C. (1887). *O Livro de Cesário Verde*. (Silva Pinto, ed.). Lisboa: Typographia Elzeveriana.
- VILA MAIOR, D. (2018). Camilo Pessanha e a representação interseccionista do espírito subjetivo. In E. RODRIGUES (org.). *1867 – Um Ano de Gigantes: Raul Brandão, António Nobre e Camilo Pessanha* (pp. 77-88). Lisboa: Clepul.
- ZAMBELI, S. M. M. (2014). *O que a Literatura Infantil nos Revela sobre a Morte*. (Tese de curso de especialização não publicada). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre (Brasil).